

A IMPRENSA

13 DE ABRIL
DE 1902

A IMPRENSA

ORGAN HEBDOMADARIO, DOCTRINARIO E NOTICIOSO

ASSIGNATURA ANNUAL. 12\$000

SEMPRE

ANNO V

Paralyba, 13 de Abril de 1902

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA NOVA, MOSTEIRO DE S. BENTO

EXPEDIENTE

«A IMPRENSA», publica-se aos domingos.

Accepta toda colaboração desde que seja digna de ser publicada. Não se publicam escriptos cuja procedencia seja ignorada pelo Director.

A IMPRENSA

ENSINO E RELIGIÃO

O estado actual da sociedade quasi toda desorganizado e abalada em seus fundamentos por causa da enchente de erros que nos vieram de systemas extravagantes e de multiplas seitas nascidos nos ultimos seculos deve inspirar aos que dirigem e governam todo cuidado e interesse.

A melhor força e os melhores elementos de prosperidade se baseiam na unidade dos esforços e dos empreendimentos civicos e nas lições de religião e de moral de conformidade com a genese e as condições mezologicas de cada povo. Estas são indispensaveis a boa organização, à paz e a formação do character nacional.

Autores insuspeitos, inimigos da religião, todos que desejam dizer a verdade e falam sem laivos de torpe sectarismo, confessam a necessidade do ensino religioso e proclamam-no como uma dinamica poderosa, unica capaz de movimentar, dar calor e vida às gerações na marcha destruidora do tempo.

Olar, a escola sem os ensinamentos da religião catholica, é comparado a um campo esteril, um terreno safaro, onde a semente derramada não nasce e a arvore não grêla e não medra. O scepticismo, a indiferença e a ignorancia sobre a idéa de Deus e os deveres principaes do homem, ser contigente, para com o Ser Supremo, o Ser Creador, germinam nos corações estiolados pela carencia de instrução religiosa, e consequencias necessariamente fataes com um tetrico cortejo apparecem arruinando tudo.

Vejamos o que dizem a esse respeito escriptores notaveis e insuspeitos.

«Sem instrução religiosa não ha bom systema de educação. . . . Não basta ensinar a religião aos que devem pregar-a; é mister ensinar-a aos que devem praticar-a, isto é, a todo o mundo. . . . Sem isto

adormece a alma. Não ficam des- pertos senão os sentidos e as paixões. Crear escolas industriaes sem o ensino religioso, é organizar a barbarie. É a peor de todas as barbaries.» — Girardin.

«Todo o systema que põe de lado a instrução religiosa é um systema perigoso» — Glaschstone.

«E' bem que se instruem os jovens na sciencia; porem é mister não esquecer o que tem importancia principal na educação: a religião antes de tudo e sobretudo.

A parte mais importante e difficil da vossa missão consiste, pois, em educar a juventude no temor de Deus, e ensinar-lhe o resceito pelas cousas santas.» — Guilherme, Imperador da Allemanha, a uma deputação de professores em 1879.

«A religião deve ser a primeira lição, e a lição de todos os dias» — Diderot.

Todos reconhecem que a instrução primaria deve ser essencialmente religiosa; mas não é bastante que isto se diga e se considere como uma vulgaridade; é mister que venha a ser uma realidade pratica. Em que consiste uma verdadeira instrução religiosa e popular? Não consiste unicamente na recitação do dogma e dos principios fundamentaes do Christianismo: requer-se a presença constante e sempre activa da fé e da influencia religiosa nas escolas: deve ser uma educação popular dada no meio de uma atmosphera e em presença de uma vida essencialmente religiosa.» — Guizot. — circular a directoria da instrução publica em França.

«A instrução é nulla sem educação, e a educação é nulla sem religião.» — Idem.

«Para que a instrução primaria seja verdadeiramente boa e socialmente util ha de ser profundamente religiosa: que as impressões e os habitos religiosos penetrem por toda a parte. Nas escolas primarias a influencia religiosa deve estar habitualmente presente. Se o sacerdote desconfia ou se afasta do mestre; se o mestre considera-se rival independente e não auxiliar do sacerdote, o valor moral da escola está perdido, e a escola é prestes a converter-se em um perigo.» (Memoires, T. III.)

«Não ha mais que uma voz para proclamar que sem a religião não ha educação moral possivel, e que se deve ser a alma das escolas normaes.» — Jouffroy. (Reports à l'Academie des sciences Morales et Politiques, 1840).

«A vida dos povos requiere uma educação fundada não sobre teorias, mas sobre realidades imitaveis, sobre os principios do Christianismo, verdadeiros sustentaculos das familias e do Estado.» — Rautée, ministro da instrução publica na Austria.

«Peço formalmente outra coisa diversa desses professores leigos em grande numero detestaveis.

Quero irmãos, e nhora em outros tempos desconfiasse d'elles.

Quero fazer omnipotente a influencia do clero; quero que a acção do cura seja forte e vigorosa. Bem mais do que hoje o é; porque conto com elle para propagar a sua philosophia, que ensina ao homem que está na terra para soffrer. . . Sim, nunca o repitirei demasiado: o ensino primario não produzirá bons resultados senão quando o clero exercer nelle uma influencia grandiosa» — Thiers *Les debats de la commission de 1849.*

«A razão e a experiencia prohibem-nos esperar a moralidade sem principios religiosos.» — Washington.

Eis o sentir de homens alheos de toda a suspeita.

Antes e depois da separação da Igreja do Estado a imprensa sectaria e maçonizada fechando os olhos a toda a sorte de serias conveniencias ao bem social deste paiz e fugindo da luz scintillante da mais imperiosa necessidade sobre nossa educação tem ferido combates contra o ensino religioso abrindo assim um abysmo insondavel a nossa mocidade digna de melhor sorte.

Os catholicos querem e exigem o ensino catholico para seus filhos.

OS SEMI-BARBAROS

Ha dois annos, findos a 27 do mez passado, deu-se a rendição de Cronje, o bravo general orangino, que a Inglaterra conserva prisioneiro nos rochedos de Santa Helena.

O destemido e habil vencedor de lord Methuen, quando este na batalha de Magersfontein commandava forças superiores, foi forçado a entregar-se ao exercito inglez dirigido pelo general em chefe com um effectivo vinte vezes superior ao seu, que era apenas de pouco mais de tres mil homens. Além disso os proprios inglezes reconhecem, Cronje podia se ter escapado com suas forças, se não fosse a massa enorme de mulheres e crianças que o acompanhavam e que elle se sentiu obrigado a poupar ou proteger.

Quando a noticia desse primeiro desastre serio das republicas Sul-Africanas ecoou no mundo culto, todas as nações admiraram o heroismo daquella valente e nobre resistencia e viram que um enorme

desproporção entre os combatentes os vencidos eram os vencedores; só a City se regosijou até o delirio das danças ao meio da rua, na praça publica, como si naquelle punhado de gloriosos prisioneiros tivesse a Inglaterra conquistado a ultima gotta de sangue, o ultimo rasgo de coragem, empenhados na defeza da liberdade e dos direitos de povo perseguido.

São passados dous annos e outro bravo general orangino, Delarey, vinga activa e brilhantemente a rendição do seu velho camarada.

Essa vingança, porém, é a antithese a mais esmagadora da indole, do character, dos moveis da guerra, entre os dous paizes que se debatem. Em um a guerra é um negocio, é o fructo da ambição gananciosa, é a preocupação egoista, voraz do dominio, a sordida cobiça do ouro onde elle se encontra; para o outro a luta é um dever nobre, da defeza da liberdade, do solo, do lar, da propriedade, da familia.

Para um a guerra não é um acto de patriotismo, de civilização, de honra, de civismo, é o frio e calculado esbulho das riquezas e fortuna de um pequeno povo, para augmentar os thesouros de uma nação de milionarios e de exploradores; para o outro é a expressão a mais elevada e generosa, a mais heroica e humana a que tem attingido o triste recurso da luta armada na historia das nações.

Para um cada victoria é um acto de crueldade, de perseguição inutil e brutal, de ostentação ruidosa e força e de prepotencia; para o outro cada triumpho é a expressão surpreendente de uma habilidade e de uma audacia que só o amor extraordinario da liberdade e da patria pôde inspirar; e é ao mesmo tempo a revelação de uma superioridade moral, de uma doçura e belleza de costumes que se impõe aos proprios inimigos como uma lição que os atordoia mais do que a propria derrota.

Um fusil os prisioneiros, queima as herdades, confisca os bens nos territorios conquistados, expulsa mulheres e crianças dos seus lares, para conserval-as depois nos campos concentrados, onde a morte vem dizimal-as na penuria, no desceio, no abandono; o outro liberta os prisioneiros, annuncia a esposa de um general ferido de que seu marido é tratado com carinho, e vai depois levar-o pessoalmente e livre ao proximo acampamento inimigo.

Um nega passaportes ou salvoconductos aos que se propunham a levar ao povo perseguido os socorros da Cruz Vermelha ou os conselhos e informações para uma possivel negociação da paz; o outro restitue a liberdade a officiaes prisioneiros para incumbil-os de transmitir telegrammas tranquilisadores às familias dos seus inimigos.

Entretanto, destes dous povos, um, o primeiro é o culto, o adiantado, o poderoso, o forte; o outro, o segundo, é o semi-barbaro, o retardatario, o pequeno, o fraco. Um tem o pretensão de dar lições de civilização ao mundo inteiro e os seus estadistas apregoam que, como os romanos, elles têm a capacidade inata de dirigir e dominar os povos; o outro sempre se esforçou por manter as suas tradi-

ções e costumes de civilização rustica, pedindo a liberdade para centar os seus rebanhos e desenvolver a sua nacionalidade e modesta nacionalidade.

O colosso, porém, que em vão tem procurado esmagar o mais bello exemplo de coragem e de valor, e de altivez e de energia, de generosidade e de despreendimento, que se pôde oferecer aos dois seculos que se succederam e o producto de uma estratificação de sentimentos barbaros e cruéis que irrompem mais de uma vez como as lavas de um solo vulcanico, quando os tremores que o agitam rompem a crosta cultivada que muitos seculos conseguiram preparar.

O actual soberano britannico deve saber que a historia das dynastias inglezas, mais do que outro qualquer, photographa estas correntes que dominaram o coração dos reis, como envenenaram o sangue e a circulação das massas.

Dentre os que tiveram o seu nome não ignora o poderoso imperador das Indias, que se houve um Principe Negro que na batalha de Poitiers acolhia com bondade e clemencia os seus prisioneiros soberanos, havia outro, como Eduardo IV, que o genio de Shakspeare immortalizou nas imprecações tragicamente assombrosas de Margarida d'Anjou, e que depois de ter cruelmente suppliciado os chefes mais notaveis do partido de Lancaster, não poupou nem seu proprio irmão Clarence e fez degollar na prisão Henrique VI, cuja soberania elle usurpára.

O rei de Inglaterra deve conhecer que essa tradicional cruzeza e inflexibilidade de costumes, inaccessible a qualquer sentimento de compaixão, ou a qualquer impulso de generosidade, não preservou os proprios dynastas e reza a historia que outro Eduardo, o segundo, succumbiu na prisão, onde dois sicarios lhe cravaram nos intestinos um ferro em brasa; e que mais outro, Eduardo V, foi abafado entre os travessieiros por ordem de seu tio, o duque de Gloucester, na torre de Londres, que é ainda hoje, em toda a Europa, a sinistra bastilha dos reis e da aristocracia, o monumento tinto do sangue e coberto de infamias, onde se eleborou e se fundiu a famosa civilização do maior poder do mundo.

E' muito conhecida a argamassa, o cimento, em que se levantou a grande obra que accusa de semi-barbaros os povos nascentes e fracos, os paizes que se iniciam na civilização e nas lutas do trabalho e da fortuna.

Como Eduardo IV, o soberano actual já consagrou uma grande parte de sua vida aos prazeres e gozos faceis, às sollicitações dos sentidos e da imaginação; com elle, porém, não associe o seu nome, mais do que isso o rei, que a sua velha mãe conquistou para si e que teria conquistado para a patria se lhe permitissem os ultimos ministros, o que empiza abominave não se magar um pequeno povo, o mundo inteiro admira e se admira como ainda de forca e de velha metropole da liberdade, como elle, seus idéas, e a maior virtude dos reis.

